

# PAPA FRANCISCO

e Domenico Agasso

---

Uma conversa sobre  
o que está para vir  
nestes tempos  
de incerteza

---

# DEUS

e o

*mundo*

*futuro*

## ÍNDICE

<i>Introdução</i> .....	11
1. O eixo crucial para a humanidade .....	17
2. A mão do Senhor reergue-nos sempre .....	23
3. Renascer unidos .....	29
4. Semear esperança .....	37
5. A Igreja: honesta, unida e missionária .....	43
6. Na Casa Comum, como uma única família .....	61
7. Economia e finanças ecológicas .....	73
8. Sem fraternidade humana não há futuro .....	79
9. Ninguém é estrangeiro .....	89
10. Trabalho e remuneração justa para todos .....	97
11. Família e mulheres como pilares das sociedades .....	103
12. Os jovens e o sonho em nome de Deus .....	113
<i>Nota</i> .....	121
<i>Agradecimentos</i> .....	123

## INTRODUÇÃO

### **A humanidade presa ao manto branco de um homem sozinho em São Pedro**

Os dias de março do ano 2020 são negros e angustiantes. Há algumas semanas, deflagrou uma pandemia. A Terra e os povos ficaram sem capacidade de respirar, com os pulmões agredidos por um inimigo invisível e impiedoso. O vírus da covid-19 está a arrebatando centenas de milhares de pessoas que morrem numa solidão cruel e absurda. E o resto da humanidade barricou-se em casa. Na companhia de medos, pesadelos e incertezas.

Numa triste tarde de domingo, o mundo inteiro arregala os olhos ao ver, nos telejornais e na Internet, o Papa caminhar pelo centro de Roma, esvaziada pela quarentena. De surpresa. A pé. Na via del Corso. Vai rezar, em nome de todos, na igreja de São Marcelo no Corso, diante do crucifixo «milagroso» que, em 1522, foi levado em procissão para invocar a libertação da peste. A incredulidade do ciclista que se cruza com

o Pontífice representa o assombro planetário. Uma imagem, poderosa e dramática, que se torna subitamente história.

Passam-se alguns dias, e mais uma cena nunca vista: o Sucessor de Pedro numa praça deserta, a pedir a Deus, num dia cinzento e chuvoso, que «não nos deixe entregues à tempestade». Homens e mulheres de todo o mundo, «receosos e perturbados», enquanto televisores, *tablets* e computadores estão sintonizados com o «coração» da Cristandade e se agarram ao manto branco do Vicário de Cristo. «Acordai, Senhor! Salvai-nos!», invoca Francisco, repetindo as palavras dos discípulos surpreendidos no mar de uma inesperada e terrível tempestade, enquanto Jesus parece dormir tranquilamente. A oração encerra-se com a bênção especial *Urbi et Orbi*, a de Natal e Páscoa, mas desta vez as pessoas não assistem sentadas à volta de mesas postas com cálices de vinho festivos.

No meio da epidemia de coronavírus, que subjuguou os países, Jorge Mario Bergoglio não se detém. Nem um só dia. Nem para festejar os sete anos de pontificado. Rodeado por uma espécie de «cordão de segurança» anticontágio, continua a trabalhar. E sobretudo a estar ao lado das pessoas, em especial as que sofrem mais. Além da oração dominical do *Angelus* e da Audiência Geral de todas as quartas-feiras, «enjaulado» na Biblioteca do Palácio Apostólico, em transmissão direta, quer «desalfandegar» as missas

na Casa de Santa Marta. As homilias matutinas do Papa Francisco são um símbolo do pontificado, determinantes na criação e na alimentação de empatia e sintonia com as pessoas. As palavras na Capela da Domus Sanctae Marthae tocam as cordas vibrantes da alma humana: sentimentos, emoções, desejos, vulnerabilidades, nervos à flor da pele. Exortam, convidam, advertem. Mas, acima de tudo, encorajam. Acompanham no caminho da vida. E Francisco, nos meses suspensos entre aflições e apreensões que nos aproximam todos uns dos outros, quer tornar-se ainda mais próximo, não só através da prece mas com a Missa excepcionalmente transmitida em direto, dedicando a intenção introdutória às várias realidades de dor, às categorias de pessoas em agonia e às que se alinham para enfrentar a emergência sanitária e social. De forma imediata e direta, põe as suas meditações à disposição de todos aqueles que, todas as manhãs, já esperavam a síntese da homilia difundida pelos órgãos de comunicação social do Vaticano, bem como para os que nesses dias surreais precisam de conforto, de apoio espiritual e de se entregar à fé que o Sucessor de São Pedro protege e dilata. Os espectadores entram em «harmonia» com o Evangelho, através do calor humano e do afeto do Papa, que prega com simplicidade, falando «de improviso», criando um fio estendido entre o seu coração e o coração de quem o escuta. Milhões de pessoas,

mesmo afastadas da Igreja, sentem-se consoladas e iluminadas na madrugada de cada dia. E há quem conte ter procurado o Evangelho entre as prateleiras da estante e, depois de lhe ter soprado o pó, tê-lo reaberto e folheado pela primeira vez.

A intensidade emocional é elevada e envolvente, perante o silêncio do Bispo de Roma nos minutos de adoração do Santíssimo Sacramento (uma modalidade teoricamente pouco «apetecível» para os padrões televisivos), como testemunham também os milhares de mensagens de gratidão enviados ao Pontífice e ao seu séquito. Falta hoje a muitos esse encontro televisivo diário que, a dado momento, foi interrompido. Era preciso, explicou o próprio Papa Francisco, regressar à familiaridade e à intimidade comunitária com Deus nos sacramentos, participando fisicamente na liturgia. Sem abandonar o outro grande e constante convite do Pontífice: «Reservemos todos os dias algum tempo para ouvir a palavra de Jesus, recorramos ao Evangelho para nos alimentar: é o alimento mais forte para a alma.» O conselho do Papa é andar sempre com um pequeno Evangelho, no bolso ou na mala, para ler uma passagem, ou então consultá-lo na Internet: «Naquelas páginas, Jesus fala-nos. Pensem nisso, é fácil, nem sequer é necessário dispor dos quatro Evangelhos, basta um.»

Nos meses de dor, multiplicam-se os testemunhos de quem redescobre vislumbres de uma fé mais

profunda, através de meditações íntimas sobre o mistério de Deus, sobre o sentido da existência e daquilo que se faz dia, sobre a fragilidade humana, sobre o conceito de vida eterna, onde, garantem os sacerdotes, haverá apenas felicidade partilhada. Sentimentos amplificados pelas solidões forçadas na sala de estar, durante o confinamento, ou, pior, pelo isolamento no hospital.

Assim, a Igreja nos tempos do coronavírus sai — concreta ou virtualmente — das sacristias e oferece-se às pessoas, com os padres a celebrarem, sozinhos, a Missa em direto pela Internet. E também nas casas. Muitas paróquias que se estavam a esvaziar alcançam muito mais pessoas nas semanas de «trevas cerradas que se adensaram nas nossas praças, ruas e cidades», como diz o Papa Francisco. É um pouco o desespero que nos leva a confiarmo-nos a Deus. Um pouco as intermináveis horas, todas iguais, marcadas pelas informações da Proteção Civil, que atualiza a narrativa assustadora dos mortos, e pelos relatos de quem perdeu alguém querido e não lhe pôde segurar na mão nos últimos instantes de vida.

Os homens da Igreja podem tirar proveito deste impulso potencial — talvez forçado, muitas vezes inconsciente, mas tangível — de espiritualidade, de maior confiança no mistério da vida.

O desafio eclesial é ter uma presença mais constante e reconfortante no quotidiano das pessoas,

marcado pelas preocupações económicas e profissionais. As pessoas precisam de uma companhia sincera. E de sinais fortes e concretos. Como a abertura das instalações de muitas dioceses para albergar famílias pobres durante a quarentena, com paróquias a encarregarem-se até do pagamento do internamento no caso dos pacientes mais humildes, de forma a libertar vagas nos covidários. «Apercebemo-nos de que não podemos avançar por nossa conta, sozinhos», afirma Jorge Mario Bergoglio no sacrário da Basílica do Vaticano, sozinho diante do mundo. Definindo assim o terreno no qual lançar as bases para transformar a provação perturbadora em mudança para melhor. Temos de ser capazes, todos, de abandonar atitudes, escolhas e comportamentos viciados de individualismo, egoísmo e procura da conveniência, é o grito do Papa. É tempo de «voltar a traçar a rota da vida em direção a Deus e em direção aos outros». Reconstruir um novo sentido de comunidade fraterna, apoiando-o numa base possante que consiga suportar e unir todos, crentes e não crentes: «A esperança, que nunca desilude. Recomeçemos a partir da esperança. Todos juntos.»

D. A.

1

O EIXO CRUCIAL  
PARA A HUMANIDADE



*Santidade, como interpreta o «terramoto» que, em 2020, se abateu sobre o mundo sob a forma de coronavírus?*

Na vida, existem momentos de escuridão. Pensamos com demasiada frequência que não nos pode acontecer a nós, apenas aos outros, noutra país, talvez num continente longínquo. Contudo, acabamos todos no túnel da pandemia. Dor e sombras arrombaram as portas das nossas casas, invadiram os nossos pensamentos, agrediram os nossos sonhos e planos. Portanto, ninguém se pode permitir estar descansado. O mundo nunca mais será como dantes. Mas, precisamente no seio desta calamidade, captam-se os sinais que se podem revelar determinantes na reconstrução. As intervenções não são suficientes para resolver as emergências. A pandemia é um sinal de alarme sobre o qual o homem é obrigado a refletir. Este tempo de provação pode assim tornar-se tempo de escolhas sábias e clarividentes. De toda a humanidade.

*Quais são as suas sugestões para enfrentar o caminho dentro do túnel?*

Estamos cansados, desiludidos, desanimados, tristes. Pensamos que não vamos conseguir. Deus está a interpelar-nos, a convidar-nos, antes de mais, a abraçar a sua cruz, que significa encontrar a coragem de abraçar todas as adversidades do tempo presente. O Senhor exorta-nos à resistência e a não nos fecharmos dentro de nós mesmos, mas a revolucionarmos as nossas prioridades, a repensarmos a hierarquia dos nossos valores, a despertarmos e ativarmos a solidariedade e a esperança para dar solidez a esta época em que tudo parece desabar. Tentando viver este momento difícil com a força da fé e o fervor da caridade, treinamos os olhos a olhar com bondade para os outros, a descobrir quem sofre, porque, decerto, perto de nós, ao nosso lado, há alguém que «coxeia» ou que teve de se deter, extenuado. Somos chamados, como homens e como cristãos, a inclinar-nos na direção destes nossos irmãos e irmãs e a ajudá-los a reerguer-se para continuar o percurso até ao clarão da luz nova que iluminará tudo e todos. Mas será como se não tivéssemos chegado, se não apoiarmos quem não se tem de pé, se não arrancarmos ao esquecimento quem jaz em sofrimento e é invisível aos olhos egoístas. Somos um eixo crucial para a humanidade, que também periga devido a outro vírus terrível que pode ser mais letal do que

o da covid-19: o do egoísmo, que se transmite com a convicção de que a vida melhora, se as coisas melhorarem para nós; de que tudo correrá bem, se correr bem para nós. Parte-se daqui e chega-se ao ponto de seleccionar as pessoas, de descartar os idosos, de marginalizar os pobres e de afastar quem é «incómodo». E assim surge a injustiça social, a desigualdade de oportunidades, a falta de protecção dos mais fracos. Existe, porém, uma forma de não se deixar contagiar.

### *Qual é?*

Criar os anticorpos da solidariedade.

### *O que significa isso?*

Podemos recomeçar a partir da descoberta da fragilidade comum, que a dureza da pandemia nos atirou à cara. Devido à miséria e à exploração dos seres humanos, em algumas zonas do planeta a precariedade da existência era já há muito o «pão nosso de cada dia». Em contrapartida, noutras regiões do mundo, a certeza de que os poderes humanos, técnicos e científicos eram imbatíveis revelou-se incontornável. Agora é ainda mais evidente que, tanto no bem como no mal, as consequências das nossas ações recaem sempre e também sobre o próximo. Por isso a solidariedade de facto entre todos nós, se se tornar uma escolha global e definitiva, é o caminho para a salvação, para transcender esta época ameaçadora: a vida é sempre

com os outros, e a fraternidade é imprescindível, porque sozinhos, mais cedo ou mais tarde, desabamos. Se tomarmos conta uns dos outros, todos poderemos viver melhor.

# «MOSTREMOS AO MUNDO, COM ENERGIA, QUE DEUS É AMOR, É MISERICORDIOSO.»

A 27 de março de 2020, o mundo assistiu a um momento icônico: o Papa Francisco, sozinho na grande Praça de São Pedro, no Vaticano, dirigiu-se a milhões de pessoas em todo o mundo, pedindo a Deus que «não nos deixe entregues à tempestade». Nesse delicado momento da história humana, com a propagação da pandemia de covid-19, o Papa Francisco mostrou-se uma referência constante não só para os fiéis, mas para todos aqueles que sofreram com a doença ou a combateram em várias frentes.

Neste livro, resultado de uma conversa com o jornalista Domenico Agasso cerca de um ano depois desse histórico momento, Sua Santidade dá-nos as suas reflexões, convidando-nos a encontrar o significado oculto e a graça num período de grande sofrimento. Com as suas palavras calorosas, diretas e cheias de imagens sugestivas, o Papa Francisco exorta-nos a combater o vírus da indiferença e do egoísmo que tem levado o mundo à beira da destruição. E, sobretudo, motiva-nos a cultivar a esperança.

Uma obra plena de pensamentos corajosos e esclarecedores que nos guiam perante as escolhas que todos, como indivíduos e como sociedade, somos chamados a fazer.

## «Nós, cristãos, queremos ser os primeiros a semear esperança. A esperança é imprescindível.»

 <p><b>FAROL</b> a luz da sua vida 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-564-714-9</p>  <p>9 789895 647149</p> <p>Religião</p>
---	--